



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO BISEMANAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO XIII - Nº 232 - DE 11 A 25 DE FEVEREIRO DE 2002- R\$ 1,00

ARGENTINA:



As massas lutam com independência e vão pondo abaixo os governos burgueses. Em todo o mundo, os trabalhadores devem apoiar a mobilização revolucionária
As bandeiras do POR argentino:

A rebelião popular não pára!

Busca resolver já a fome, o desemprego e que se acabe o "corralito"

Aponta os politqueiros, o capital financeiro, as multinacionais como responsáveis pelo grande saque nacional e, objetivamente, questiona o poder burguês, buscando sua própria saída

Só a classe operária pode colocar o programa que dá resposta ao conjunto das reivindicações da Nação oprimida

O governo Duhalde capitula inevitavelmente diante do FMI, das multinacionais e da oligarquia latifundiária

Organizarmo-nos a partir das bases em assembléias popuiares que debatam e resolvam a saída para a crise. Garantamos um genuíno e representativo III congresso piquetero de trabalhadores empregados e desempregados

**A invasão da CUT:
Atentado contra
a organização
da classe operária
e dos camponeses**

**Seqüestro de Olivetto
FPMR: Mais um erro
dos foquistas.
É preciso defender
a integridade física
dos militantes.**

Invasão da CUT Nacional em São Paulo

Atentado contra a organização da classe operária e dos camponeses

A invasão da sede da CUT, logo após o assassinato de Celso Daniel, por bandos armados põe em evidência novas ações do crime organizado. O fato de levarem os computadores dos diretores e revirem os armários à procura de documentos indica que se trata de uma ação planejada para tentar intimidar o PT, no momento em que este fala em apuração dos assassinatos (Toninho (Campinas) e Celso Daniel (Santo André)).

O mesmo ocorre com as lideranças do MST. O tiro disparado pelo fazendeiro e as ameaças de morte lançadas pelo prefeito de Presidente Prudente sobre José Rainha também indicam o aumento da ofensiva reacionária do Estado e dos latifundiários contra os líderes do movimento.

Tanto os dirigentes da CUT e do MST foram procurar proteção da polícia, braço armado do Estado e da classe dominante. Foram pedir mais justiça para os governos Alckmin e FHC.

A marcha pela "paz", encabeçada

por José Rainha, foi bloqueada pelo prefeito de Presidente Prudente, que visou impedir a entrada do MST na cidade. O prefeito não só se solidarizou com o fazendeiro criminoso como defendeu abertamente a eliminação de José Rainha. Setores da política burguesa colocaram-se por amenizar o conflito e fingiram disposição de aplicar a lei ao fazendeiro e ao prefeito. Outros setores solidarizaram-se com os dois criminosos dizendo que não faziam outra coisa senão defenderem a sua propriedade. Está aí por que os camponeses têm de se unir à classe operária para conquistar a terra e quebrar o poder da burguesia.

O reformismo tem respondido ao avanço do crime organizado com os métodos próprios da classe burguesa: Justiça e polícia. Exigem apuração e punição dos culpados pelos órgãos do Estado.

O capitalismo, como sistema de opressão, gera a interpenetração entre a política de Estado (domínio da classe burguesa) e crime organizado. Na fase

de decomposição do capitalismo, toda a corrupção e ações do crime político ressaltam com mais nitidez. O que põe em evidência a fusão da política do Estado (de manutenção do capitalismo) com o chamado crime organizado.

Não há como combater tais quadrlhas com os mecanismos do Estado burguês. Daí a impotência do PT e MST. Falam do fim dos crimes políticos sem tocar na raiz deles: a propriedade burguesa dos meios de produção. A política do reformismo de arrastar as massas trabalhadoras em torno do pacifismo reacionário só tem contribuído para amortecer a luta de classe e bloquear a consciência dos oprimidos.

A eliminação de todo tipo de violência reacionária está na organização da classe operária e no trabalho político para derrotar ideologicamente as idéias do reformismo, que estão na direção dos sindicatos, CUT, MST e movimentos populares. Daí a importância de construir o partido revolucionário.

Seqüestro

FPMR: Mais um erro dos foquistas

A prisão dos integrantes da Frente Patriótica Manuel Rodriguez (FPMR) trouxe à tona o problema do foquismo. Conceito esse utilizado para caracterizar os grupos políticos que usam o método da luta armada à margem do movimento operário e das massas, e que via de regra enveredam pelo caminho do terrorismo individual, muitas vezes confundido com o uso da guerrilha, que é uma tática de luta não terrorista e não foquista.

Seqüestros, como o do burguês Washington Olivetto pelo FPMR, cujos membros foram presos, são típicos do foquismo. O grupo tem suas raízes na facção armada do Partido Comunista Chileno (PCCH- estalinista) constituída em 1983 com objetivo de travar a resistência armada contra a ditadura militar de Pinochet.

O estalinismo mostrou-se abrigo para o foquismo, a outra face do pacifismo e legalismo pequeno-burguês que caracterizam a política dos partidos comunistas estalinizados.

Assim que as condições de adaptação à democracia burguesa, de viabilização da política de aliança frentepopulista e da prática do método eleitoralista foram se ampliando, a cisão interna entre legalistas e foquistas tornou-se inevitável. A partir de 1987, multiplicaram-se as divergências e, nos inícios dos anos 90, a divisão se colocou no braço armado do PC chileno, dando lugar ao Movimento Patriótico Manuel Rodriguez (MPMR), que continuou vinculado ao PCCH, e a facção foquista da FPMR/dissidente.

A FPMR se caracteriza como marxista/leninista/guevarista. Entretanto,

to, trata-se de uma caracterização indébita. Marxismo e leninismo correspondem à conquistas programáticas, teóricas e práticas (tática) da classe operária, completamente opostas ao nacionalismo e ao foquismo. A FPMR é um grupo de raiz estalinista, nacionalista e foquista. A farda de guevarista pode ser vestida por esse agrupamento, sem que haja uma assimilação indébita, uma vez que Ernesto Guevara tem filiação estalinista-nacional-foquista.

Tanto o legalismo pacifista dos PCs quanto o militarismo foquista de seus adeptos, são opostos ao marxismo e prestam favores à ideologia burguesa, que tem interesse em apresentá-los como duas faces do marxismo-leninismo. Os inimigos do socialismo científico (comunismo) usam e

abusam da propaganda contrária à prática foquista para instilar nas massas oprimidas, principalmente na classe operária, a confusão entre a política revolucionária de destruição do capitalismo e a do foquismo pequeno-burguês, que por mais ousadas que sejam suas ações, como atentados a Pinochet, assassinatos de agentes da repressão, seqüestros de capitalistas etc, não vão além da violência individualizada e portanto contraditória com a violência revolucionária das massas contra a burguesia opressora e seu Estado. Trata-se da desorientação de camadas militantes da pequena burguesia desesperada, que não conseguiram romper com o seu meio social, assimilar o socialismo marxista e identificar-se com a luta de classes travada pelo proletariado.

A FPMR estava em franca decadência. Não conseguiu reverter o seu foquismo para o legalismo estalinista, que sobrevive na sombra do eleitoralismo e se alimenta das negociações com os partidos burgueses ditos progressistas, e já não tinha como praticá-lo e justificá-lo sob a conjuntura do democratismo pós-Pinochet.

O mesmo se passou com o mais im-

portante grupo foquista do Chile - o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), de filiação também guevarista. O MIR foi o precursor da transferência de atividades do foquismo chileno para o Brasil, seqüestrando o milionário proprietário do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz. A prisão de seus membros foi um golpe brutal no MIR já enfraquecido.

A FPMR não aprendeu a lição. Seguiu o mesmo caminho.

O desfecho do seqüestro pelo MIR teve enorme repercussão. Os partidos da burguesia, da polícia e toda grande imprensa se utilizaram do acontecimento para acusar o PT de guevarista, castrista, adepto da violência guerrilheira, do comunismo etc, alertando sobre o perigo da vitória eleitoral de Lula. Evidentemente, foi uma armação da polícia e dos estrategistas da reação, que utilizaram a história de ex-foquistas ou simpatizantes do foquismo, que se destacavam no PT, para estimular as ilusões democráticas e o pacifismo burguês nas massas, para atemorizá-las frente a um PT pintado de agente do terrorismo e da violência contra a democracia. Por mais que o PT já tivesse

demonstrado sua adaptação ao capitalismo, a difamação policial teve êxito.

Desta vez, a prisão dos membros da FPMR não pôde ter o mesmo desfecho político. O PT está tão comprometido com o Estado, que os setores mais reacionários não puderam fazer a mesma vinculação. Assim mesmo, houve a tentativa de acusá-lo de complacente com o terrorismo em razão de alguns de seus políticos terem defendido a anistia aos presos do MIR. Mas logo a reação viu que não havia terreno para progredir tal acusação, que envolvia justamente a ala mais conservadora do petismo, encabeçada por Eduardo Suplicy.

Já faz alguns dias da prisão dos membros da FPMR e tudo indica que os fatos confirmam que se trata de um acontecimento político. No início, houve a tentativa da polícia considerar um caso de terroristas marginais. Isso facilitaria aplicar a tortura e toda sorte de maus tratos aos presos. Mas se caracterizou plenamente de prisão política. As primeiras denúncias de tortura vieram à luz do dia. Há que se defender a integridade dos presos da FPMR e sua libertação.

Defesa da integridade física e libertação dos membros da FPMR

Os presos da FPMR denunciaram as torturas e maus tratos. As autoridades policiais procuraram desmentir, com ares de que respeitam os direitos dos presos, segundo a política dos direitos humanos.

O aparelho de repressão, no Brasil, é um dos mais brutais e sanguinários, como testemunham os casos de tortura, vilipêndios e assassinatos de presos. A Anistia Internacional tem o aparato policial e prisional brasileiros na lista dos

maiores violadores dos direitos elementares dos detidos.

É necessário que os sindicatos e partidos de esquerda defendam a integridade física dos militantes do FPMR e levanten a bandeira de sua libertação.

O governo prometeu dar um exemplo de severidade na pena e não ter a menor flexibilidade como no caso dos militantes do MIR. A burguesia e seu Estado que matam de fome crianças, adultos e velhos dizem

que é preciso combater a violência dos seqüestros com a punição carcerária.

Dizemos que se trata de pôr abaixo a burguesia barbarizada para erradicar todo tipo de enfermidade própria do capitalismo, inclusive as deformações políticas como o foquismo. Nesse sentido, é necessário se opôr a toda forma de repressão desse Estado e dessa burguesia que impõem a fome e a miséria para a maioria.

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista.

Discuta nosso programa.

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

O que foi a segunda versão do Fórum Social Mundial

A segunda reunião do Fórum Social Mundial, realizada no final de janeiro em Porto Alegre (RS), não trouxe nenhuma novidade em relação ao anterior, a não ser o crescimento do número de participantes e as restrições para que não houvesse nenhuma forma de protesto como a da destruição de plantação de soja transgênica e apedrejamento do MacDonalD. Tudo teria de transcorrer na mais controlada serenidade, como contraponto à conjuntura do 11 de setembro, da guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão e o levante popular na Argentina. Tratava-se do Fórum da paz.

Essa orientação esteve tão marcada que seus organizadores vetaram a presença de Fidel Castro e procuraram eclipsar o francês J. Bouvet que na reunião anterior se notabilizou por acompanhar o MST no protesto contra os transgênicos.

Deveria ser um encontro de elaboração de propostas alternativas ao Fórum Econômico Mundial que realizava sua XXXII reunião, em Nova York. Até parece que tudo foi combinado, os manifestantes antiglobalização protestaram sem tumulto no Central Park, o mesmo ocorrendo em Porto Alegre - com suas marchas da "paz".

O Fórum Econômico do grande capitalismo imperialista, desta vez, ergueu a bandeira de "reforma agrícola", como se se interessasse pelos problemas econômicos dos países atrasados, de solução dos graves problemas sociais, como a fome, a miséria e as doenças que atingem a maioria do mundo. Como se vê, não faltou nenhum condimento da hipocrisia dos porta-vozes e capachos da oligarquia financeira e multinacional que saqueia por todos os cantos do globo.

De seu lado, o Fórum Social opositor atraiu todas as espécies de social democratas, reformistas e politiquieiros que dizem combater os males da globalização com o palavreado de "um outro mundo é possível". Esse "um outro mundo" é o mesmo velho capitalismo, que seria humanizado com a maquiagem da distribuição de renda, do favorecimento aos países mais pobres numa

nova ordem mundial e o reconhecimento do capital financeiro e monopólios industriais/comerciais da necessidade de aceitar uma regulamentação contrária à especulação, ao saque e a alta concentração de riqueza nas mãos de uma oligarquia.

Não faltaram discursos contra o poder ilimitado das potências, à existência de milhões de miseráveis, à morte diária de milhares de crianças famintas e toda sorte de chaga social. Teses e mais teses ecoaram nos seminários, movidos por intelectuais, professores, especialistas, representantes de ongs, sindicalistas e politiquieiros, destinadas a apontar o caminho do "um outro mundo é possível". Todas elas voltadas a tornar o capitalismo mais palatável para as massas que padecem do desemprego e da miséria. Dirigidas a reconduzir o Estado para a função controladora do mercado, disciplinador do gigantesco parasitismo e promovedor de uma ordem social mais justa e civilizada.

O que custa aos exploradores da classe operária, opressores dos camponeses e saqueadores das nações atrasadas contribuir com um imposto sobre transação financeira, destinar parte dos juros da monumental dívida externa para um fundo de combate à pobreza e cancelar a dívida dos países mais pobres? Por que não tornar mais equitativa a troca mundial de mercadorias, permitir que a tecnologia seja acessível às economias dependentes, ser mais generoso com os imigrantes e facilitar a chegada dos preços dos remédios monopolizados a milhões de pobres e doentes? Tudo isso é viável sem destruir a sociedade burguesa e o modo de produção que lhe corresponde, segundo os defensores de "um outro mundo é possível". Trata-se de um desejo da pequena burguesia inserida nas instituições, nos movimentos alimentados por verbas dos capitalistas, burocratas sindicais, social democratas e epígonos do estalinismo.

Os organizadores do Fórum e a maioria controlada têm horror à revolução social, à organização do proletariado

como força motriz da luta de classe e de destruição das bases do capitalismo. Tem aversão em tomar as tarefas antiimperialistas e anticapitalistas e enfrentá-las com método da revolução proletária. A pequena burguesia pseudo intelectualizada está apavorada com os rumos da crise estrutural do capitalismo e seu curso militarista, como a apresentada pelo imperialismo norte-americano. Socorre-se à social democracia francesa, como se fosse um antídoto à prepotência yanque e um meio de contrabalançar a denominada unipolarização originada do fim da ex-URSS.

Não é por acaso que o PT comparece como um dos pivôs do Fórum Social Mundial. Destaca-se, no Brasil, como fator alternativo entre as posições pró-imperialistas da burguesia e a via de luta do proletariado pelo socialismo. Encarrega-se de canalizar o descontentamento das massas e agir como um instrumento construtivo no interior do capitalismo em decomposição. Configura-se como braço da social democracia européia, principalmente do imperialismo francês, num país atrasado e semicolonial. Deposita-se a esperança de que o PT chegue ao poder numa coalizão com partidos ou frações de partidos burgueses, de corte nacionalista, denominados de progressistas.

O Fórum Social tem servido de instrumento para potencializar o reformismo social democrata na América Latina. As recomendações expressas de que a segunda reunião do Fórum Social deveria ocorrer sob a bandeira da campanha pela "paz" e se evitar qualquer protesto radical, bem como afastar figuras polêmicas, seguiram objetivos eleitorais. Verifica-se que o Fórum Social Mundial acontece sob pressão de setores da burguesia brasileira e internacional. Essa variante política e econômica revela-se subalterna ao Estado e, portanto, em contraposição ao curso da luta da classe operária contra a burguesia.

Os foristas estão fadados ao fracasso perante o poder do imperialismo e à tendência do proletariado se destacar como força motriz das transformações.

Dengue: mais um elemento da barbárie do capitalismo

A epidemia de dengue no país já é confirmada. No Rio de Janeiro, em 3 dias, os casos aumentaram em 81%. Em Campo Grande, o número de casos é quinze vezes superior ao do Rio de Janeiro. O Brasil voltou a apresentar um aumento significativo dos casos de dengue desde o ano passado. O índice de aumento no país entre 2000 e 2001 foi em média de 63%. Dos 27 estados, somente 7 tiveram baixo índice de constatação. Nos demais, os índices superaram em 100%. SP apresentou o crescimento em 232,5%; CE - 130%; BA - 198%; AM - 203%; GO - 282%; AP - 837%; DF - 181%; SC 200%; RS - 127%. O mais greve é no RJ que, dos últimos 11 anos, o maior índice apresentado de variação foi o de 2000 a 2001, com 1500%. Também têm-se elevado os índices da dengue hemorrágica, que se torna fatal se não for tratada e diagnosticada a tempo. O controle químico do mosquito *Aedes Aegypti* é sabotado pelos cortes de verbas públicas. O Brasil é predominantemente infestado pelos sorotipos 1 e 2 do vírus, que já foram identificados em pelo menos 19 estados. O tipo 3 já está presente no RJ e RR. A dengue 4 pode entrar no país pelas fronteiras da Venezuela e Bolívia, onde a pobreza é maior que a do Brasil.

A FUNASA, órgão responsável pelo repasse das verbas e pelas diretrizes ligadas ao combate da dengue no país afirma que várias medidas foram tomadas mas não conseguiram reduzir a incidência, pois muitas delas implicavam em desvios de verbas para campanhas eleitorais. O último plano é o PIACD,

que tem o objetivo de reduzir a incidência em 50%, diminuir a mortalidade hemorrágica e a infestação do mosquito. Excetua o RJ dessa meta porque esse estado não cumpre o compromisso. Mas dado a gravidade já foram enviados quase mil agentes de saúde para o RJ para tentar reforçar o combate à dengue. César Maia (PFL), prefeito do RJ alega que a responsabilidade pela saúde pública é do ministro da saúde e que o RJ já recebeu até larvicida vencida do ministério. O ex-secretário municipal da saúde foi demitido por ter comentado sobre as irregularidades do plano da Secretaria Municipal Saúde. Ele afirmou que um dos problemas era falta de funcionários, outro era a contratação de uma empresa de lixo destinada a coletar lixo e combater pernilongos.

Segundo a FUNASA, as autoridades internacionais sanitárias concluíram nos últimos anos que a erradicação da doença a curto prazo era impossível. Como classifica a dengue "como o maior problema de saúde pública do país" já estuda uma lei para punir prefeitos e moradores. Assim, as autoridades "preocupadas" já começaram a multar a população. O prefeito do RJ instituiu a multa aos galpões e ferros-velhos no valor de R\$ 200,00 mas já pensa em elevar para R\$ 2000,00. Em SP, rapidamente a prefeitura petista já regulamentou a lei que estabelece multas entre R\$ 180,00 a R\$ 720,00 aos donos de imóveis comerciais e residenciais que apresentarem focos do mosquito. Segundo a prefeitura, isso é uma "forma de garantir a coope-

ração popular". Segundo Eduardo Jorge, colocará 100 pessoas, veterinários e biólogos, para fiscalizarem e multarem.

Como se vê, esse é o quadro da decomposição e decadência do capitalismo. Todos os planos burgueses são inócuos para o combate da dengue e outras doenças típicas do capitalismo atrasado, como a leptose, hanseníase, meningite, malária e outras. Porque as epidemias têm aumentado em função do aumento da fome e da pobreza; do sucateamento dos serviços públicos, saúde, educação; das verbas obtidas com a exploração dos trabalhadores e usurpadas pela politicagem burguesa. Todos as "autoridades" estão a serviço do FMI, Banco Mundial aplicando planos neoliberais, de corte de verbas para mandar dólares para os parasitas. A falta de saneamento básico tem gerado as mortes hemorrágicas, a exemplo de Campinas, onde os moradores são obrigados a armazenar água para sobreviverem.

As doenças persistem e se mantêm graças ao interesse das multinacionais farmacológicas, ao aumento da miséria, desemprego e pobreza e à destruição dos serviços sociais públicos em benefício do parasitismo financeiro. São parte integrante e essencial do capitalismo em decomposição e a humanidade só se verá livre de ambos pela revolução e socialismo. A luta popular que reivindica melhoria na saúde e saneamento deve se ligar ao combate à miséria e desemprego, como um passo na luta pela destruição do capitalismo.

145 dias de greve na UEM (Paraná): Combater a repressão com campanha

Os servidores da UEM têm enfrentado há 5 meses o governo Lerner, mantendo a greve apesar da repressão: multas milionárias são aplicadas ao sindicato e aos dirigentes sindicais. Recentemente, até mesmo a ameaça de morte foi lançada contra a presidente do Sinteemar,

Ana Estela, caso a greve continue. O problema maior deste corajoso movimento é o isolamento, já que a maioria dos sindicatos das outras universidades pelo país não têm se colocado pela luta grevista unificada, nem por uma campanha de apoio à greve dos paranaenses. O POR de-

fende a generalização da greve pelas universidades, a fim de por um fim à destruição do ensino superior público e gratuito, e uma campanha de denúncia da repressão e defesa do Sinteemar, de seus dirigentes perseguidos e da integridade física de sua presidente.

Rondônia:

Unificar a luta de todos os oprimidos contra a barbárie social

Se a barbárie social vem se aprofundando em todo o mundo, no Estado de Rondônia não é diferente.

Dentre as características da barbárie social, poderemos enumerar as seguintes, que se traduzem nas diversas formas de opressão de classes.

1) Altos índices de desemprego, tal como ocorreu em janeiro de 2000, em que o governo Bianco (PFL), que desempregou de uma só vez quase dez mil servidores estaduais. Após este fato, a imprensa local noticia a generalização do aumento de assaltos, inclusive em arrombamentos nas residências e comércios. O Diário da Amazônia noticia que na cidade de Vilhena aumentam em 30% as vendas de seguros nos últimos três meses de 2001, proporcional a estes acontecimentos.

2) Há insuficiência de atendimento à educação pública, sobretudo nas áreas periféricas da capital e no interior do Estado. Só na zona leste de Porto Velho, a área mais carente da capital, o índice levantado pelo conselho tutelar chegou a um déficit de mil vagas após o início das aulas em 2001. Esta situação é amenizada, por um lado, através da superexploração dos trabalhadores em educação, na medida em que o Conselho atinge o atendimento de 400 vagas, sem construção de salas de aula e contratação de funcionários e professores. No ano de 2002, certamente a escassez de vagas será maior, pois têm aumentado as filas de espera e pernoite em diversas escolas de todo Estado.

3) Insuficiência de atendimento público à saúde, sobretudo com o projeto de municipalização de alguns setores e falta de educação sanitária pelo próprio exemplo de limpeza pública, que é insuficiente, sobretudo nas periferias da cidade, o que faz proliferar o mosquito transmissor da dengue.

4) O aumento da miséria e desassistência pelos serviços públicos quanto à coleta de lixo e outras providências, faz aumentar o índice de casos de doenças infecciosas em todo país. No Estado de Rondônia, de janeiro a dezembro de 2001, registram-se 1.883 ca-

sos de dengue, que foram registrados pelo Departamento de Epidemiologia da SESA, isso daqueles que procuraram atendimento médico. Não podemos aceitar esse resultado como normal, pois Ruth Bessa, gerente do Departamento de Epidemiologia diz que está dentro do esperado e, além do mais, reconhece que este número é bem maior. Em 2002, são registrados nas estatísticas oficiais 238.252 casos em todo país. No Estado de Rondônia, o índice é alarmante, totalizando 3079 casos em apenas 6 municípios dos 55 que compõem o Estado. No início de 2002, só no Município de Cerejeiras, são divulgados 1780 casos; em Porto Velho, de 492; Vilhena, 532; Ji-Paraná, 153; Cacoal, 163; e Presidente Médici, 122.

Eis aí algumas das razões do aumento crescente da violência: a falta de atendimento às necessidades vitais imediatas das massas, perdas de horizontes inclusive dos jovens, quanto à perspectiva de empregos, lazer, escola, moradias, atendimento à saúde e jogados na mais absoluta miséria, levam as maiorias a buscar atender ao direito mais sagrado para preservar a vida, que é o pão, procuram resolver como podem e sabem a falta do atendimento ao mais elementar para se manterem de pé.

Chacinas em presídios de Rondônia é parte da barbárie social

Rondônia comparece nas estatísticas oficiais como o 4º Estado mais violento do país e Porto Velho figura como a 3ª capital mais violenta. Isso faz com que os índices de encarcerados no Estado se encontrem também entre os mais altos em 2001, ao lado dos Estados da Paraíba, Amazonas, Acre, Bahia, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

O aumento dos encarcerados é parte da barbárie social, fruto da crescente desintegração do sistema capitalista, responsável pelo desem-

prego, miséria e violência crescentes.

A recente chacina, ocasionada pela rebelião do dia 02 de janeiro, no Uso Branco, traz um total polêmico de 45 mortes e fugas, que vêm sendo constantes nesta última semana de janeiro nos dois complexos penitenciários da capital: Ênio Pinheiro e Urso Branco. Quarta-feira, dia 30 de Janeiro, iniciou mais uma rebelião no Ênio Pinheiro, fazendo dois agentes como reféns.

Que solução buscamos para estes problemas

Não há solução para esses problemas sob a égide do capitalismo.

Acabar definitivamente com a violência, só é possível tocando na raiz da questão, que é lutar pela destruição do capitalismo. Não se trata de fortalecer o parlamento burguês e seus tribunais, nem indicar projetos aumentar

o policiamento na cidade, como apresentou o vereador de Porto Velho Manoel (PT-Articulação), nem defender a necessidade de incrementar as forças repressivas nos presídios, e muito menos transformar cada indivíduo em delator para a repressão do Estado capitalista.

Defendamos as assembleias populares e os tribunais populares, capazes de julgar e punir os crimes da burguesia, que ameaçam a matam camponeses e suas lideranças e prefeitos do PT como Toninho de Campinas e Celso Daniel, de Santo André, em São Paulo. Defendamos a unidade da luta de todos os explorados contra toda a opressão da classe burguesa sobre os trabalhadores empregados e desempregados e sobre os camponeses. Defendamos o emprego, moradia, escola e atendimento à saúde para todos; garantia de ajuda financeira a todos os desempregados em valor suficiente para atender as necessidades de suas famílias. Defendamos a unidade na luta em defesa da destruição definitiva do capitalismo e construção do socialismo.

Mais um imposto para os assalariados: seguro-acionamento

O governo instituiu mais um imposto: 2 reais nas contas de todos, chamados de seguro-acionamento, com o pretexto de que servirão para construir mais usinas elétricas e assim se evitará o racionamento no futuro.

Trata-se de uma conversa-mole. O objetivo é levantar mais dinheiro para pagar os agiotas internacionais e nacionais, parasitas da dívida pública. E esse imposto afetará mais duramente os que ganham menos, pois terão um reajuste percentualmente maior.

Já não é mais possível ao governo continuar afirmando que a falta de chu-

vas obriga ao racionamento. Os índices de chuvas têm batido recordes históricos e os reservatórios estão com níveis de água acima da média, até mesmo no seco nordeste. A causa da crise energética é desintegração do capitalismo, que inibe o investimento na geração e distribuição de energia e impede que o Estado o faça, por ter de sustentar os parasitas.

O governo tem tomado medidas de favorecimento da exploração capitalista: os reajustes de tarifas fazem com que os brasileiros paguem hoje até mais que pagavam antes do racionamento e das metas, e isso consumindo 20% menos. A

forma de cobrança também mudou: se antes os que consumiam menos pagavam uma taxa menor, hoje pagam taxas iguais aos grandes consumidores, o que quer dizer que a energia ficou mais cara para quem ganha menos.

A solução para o problema da energia está na estatização do todo o sistema sob controle operário, de forma a garantir a ampliação da geração e distribuição de acordo com os interesses da população e não dos parasitas capitalistas.

Quanto a mais esse imposto, deve ser rechaçado como aos demais: que somente os capitalistas paguem impostos!

Fortaleza:

Mais uma vez prefeitura quer o fim da meia

Mais uma vez o Prefeito Juraci (PMDB) vem tentando impor o fim da meia passagem. O objetivo agora é impor o Smart card (cartão inteligente), carteira que substituirá a atual de poliéster por PVC. O novo modelo de carteira terá um chip que limitará o número de passagens pagando meia. Além disso, todo o peso do novo sistema será pago pelos estudantes; assim a carteira custará em torno de R\$ 10,00, inviável para a imensa maioria dos alunos de escola pública.

O POR tem denunciado o avanço da prefeitura em controlar a meia por vacilo das próprias direções que deixaram, em anos a fio de traição, espaço para a Prefeitura avançar no seu intento de controlar a emissão das carteiras. O atual cartão de poliéster, base para se chegar no material de PVC que porta o chip, foi defendido não só pela prefeitura contra a

carteira de papel e plástico como por algumas entidades, como por exemplo Umes, DCE da UNIFOR, dirigidos pelo PC do B.

As direções de Fortaleza têm se organizado no Fórum unificado do movimento estudantil, objetivando lutar pela meia passagem ilimitada. As reuniões do Fórum têm o objetivo de analisar, discutir e de encaminhar as manifestações contra a meia passagem e o aumento do custo da carteirinha. Luta também para impedir que entidades como a SESC que não representam segmento nenhum dos estudantes confeccionem carteira.

A manifestação organizada para o dia 24/01 em frente à reitoria da UFC teve pouca participação de estudantes. Os estalinistas do PCR e PC do B (DCE UFC/Umes) dirigiram o movimento. Decidiu-se ocupar metade da avenida

da universidade. O fórum marcou novas manifestações no dia 07 e 19/02.

Posição do POR

O POR defende a meia passagem ilimitada rumo ao passe-livre para estudantes e desempregados. Que a forma de combater os ataques da prefeitura é através das mobilizações e não de processos na Justiça. Combate terminantemente a proposta reformista, abraçada pelas atuais direções do movimento, de uma comissão formada por estudantes e representantes do Estado burguês controlarem a emissão de carteiras. Tal proposta, já denunciada antes pelo POR, é uma capitulação do PT que, com a justificativa de eliminar a corrupção, entrega de bandeja ao estado corrupto uma conquista arrancada em décadas de lutas.

Debate sobre a ALCA em Fortaleza

No dia 24/01 ocorreu um debate sobre a ALCA organizado pela DS. O expositor, do PT, iniciou afirmando que a implantação da ALCA coroa um processo de recolonização, e que trará consequências como desemprego, quebra do parque industrial etc.

Ao expor sua compreensão, o PT esbarra no método pacifista e distracionista de plebiscito à população sobre a

aceitação ou não da ALCA. Ao invés de defender o método da ação direta, canalizar as insatisfações das massas para a via parlamentar.

Defendeu ainda a militância no PT, como "partido estratégico" questionando o trotskismo e afirmando que não há possibilidade de revolução se não se levar em consideração o problema ecológico. Chegou a afirmar ainda

a pouca preocupação dos militantes com o subjetivo, os desejos, o consumo alienado que segundo o expositor arrasta a juventude etc.

O POR se posicionou denunciando a capitulação da CUT e do PT, o pacifismo de suas ações e sua traição de iludir as massas com a mudança através das eleições, como Lula 2002 etc.

Um congresso burocrático que manteve a linha de conciliação de classe

O XXVIII Congresso aprovou a mesma linha "propositiva" da burocracia sindical para os próximos três anos. Posicionou-se contrário à unidade grevista e ao método da ação direta (greves, ocupações, bloqueios) para derrubar as medidas de destruição da educação pública. Manteve o método das pressões inócuas aos parlamentares, das negociatas e das marchas, que se reduzem em um fim em si mesmo. Portanto, o "propositivo" significa não empunhar as reivindicações dos trabalhadores e contrapô-las à reforma neoliberal. A política de fazer remendos aos projetos governamentais, como sendo de oposição, tipicamente do PT, impõe ao congresso a mordada burocrática e o anula como instrumento de organização independente a de luta de classe.

Tratou-se de um congresso regido por empresas particulares de segurança, de regalias a festas aos delegados. Prevaleceu o distracionismo que atraiu uma parte significativa de pro-

fessores, que vieram encabrestados para votarem na tese da Articulação. Pela primeira vez, separou-se delegados dos suplentes. Estes ficaram confinados numa sala separada e o direito de voz ao plenário se fez através do telão. Reservou aos palestrantes horas a fio para exporem suas posições políticas, que confluíam com as da diretoria da CNTE. Aos delegados, foi imposto o tempo de três minutos. A defesa das teses foi formalidade. Isso porque não houve debate para explicitar as divergências e, de fato, interferir na votação das mesmas. A tese-guia da Articulação serviu de camisa de força para os grupos, que estavam obrigados a segui-la. As posições divergentes eram obrigadas a apresentarem emendas a essa tese a obterem 20% dos delegados nos grupos para que fossem ao plenário. Nas plenárias, a burocracia manipulou para que o tempo fosse escasso e mantivesse a tese-guia, já aprovada anteriormente. Esse absur-

do mecanismo tem sido preparado meticulosamente para matar a discussão crítica, impossibilitar a elevação política e evitar que os delegados possam mudar de posição segundo sua compreensão e consciência.

O POR participou do congresso com a tese nº 2. Defendeu o rechaço à política de colaboração de classe da Articulação, o eleitoralismo das correntes políticas e as formas "propositivas" da burocracia da CNTE. Opôs-se ao burocratismo do congresso defendendo a democracia operária. Apresentou um plano de luta para unificar os educadores contra as medidas privatistas do governo. Primou por defender uma política proletária. Entretanto, esbarrou-se no burocratismo.

As lições tiradas desse congresso colocam para os que reivindicam da luta de classe a tarefa da construção das frações revolucionárias em todos os Estados, como forma de organizar a militância combativa sob a base do programa proletário.

Apeoesp:

Governo consegue impor mais demissões na atribuição de aulas

A atribuição na Norte I, esteve marcada por erros, tumultos e indignação. Isso se deu porque os professores antigos no magistério, que não escolheram aulas nas escolas que estavam vinculados, foram para as Regionais de Ensino. Na atribuição centralizada, não havia uma lista única, obedecendo a pontuação de cada professor. Os professores que já haviam escolhido aulas nas escolase que queriam completar a jornada estavam na frente, indepen-

dente da pontuação.

Houve protestos, porém prevaleceu a orientação da Secretaria da Educação. A diretoria da Apeoesp tratou de enviar advogados para encaminhar recursos individuais contra a atribuição. Como se isso fosse devolver as aulas e o emprego.

Nas outras regiões, não foi diferente. Não havia aulas para os ACT's e muito menos para os iniciantes. É preciso reabrir as salas, os turnos e as es-

colas que foram fechadas ao longo dos anos. É preciso acabar com a municipalização, com as parcerias com o sistema S e com a política privatista imposta pelo governo do PSDB e aliados.

O problema é que a diretoria da Apeoesp insiste em não enfrentar o governo com a luta contra o desemprego. Insiste na política colaboracionista. Para os professores demitidos, ilude-os com as ações jurídicas.

Modo petista de governar

IPTU progressivo favorece os capitalistas

No ano passado o PT enviou carta aos "cidadãos" informando sobre o seu projeto de IPTU Progressivo, onde isentaria os que moram em residências cujo valor venal fosse até R\$ 60 mil naquela oportunidade. Que este projeto era de caráter "popular" uma vez que tinha como essência a idéia de "quem tem mais paga mais". E que se encontrava na Câmara, para a votação dos vereadores.

No mês de dezembro, os vereadores votaram muitos projetos. Os principais

para o governo eram o corte de verbas da educação, mudanças na LDO e o IPTU progressivo. Seriam deles que viriam as verbas para implementar os tais projetos "sociais" demagógicos. Ficaram emperrados semanas e o PT negociou a alteração do seu projeto do IPTU por imposição dos partidos burgueses. Ou seja, a proposta de consenso foi a de diminuir a quantidade de isentos, reduzindo o valor venal para R\$ 50 mil e aumentando a taxa sobre os pequenos poupadores e

comerciantes. Tudo para manter a quantidade de arrecadação prevista.

Hoje os setores na sua maioria pertencentes a classe média arruinada, que outrora estariam isentos, estão recebendo os carnês para pagar o IPTU e sem nenhuma explicação do governo.

Está aí o engodo do IPTU progressivo. Como se vê o governo democrático e popular não pode sequer dar um passo em favor dos trabalhadores. A administração petista serve aos interesses da

Municipais SP:

PCdoB ajuda o PT a destruir a educação municipal em São Paulo

Iniciando as aulas os trabalhadores em educação receberam da Secretaria Municipal da Educação milhares de cartas endereçadas aos pais propagando os projetos demagógicos da prefeitura petista. Ela se vangloria de ter implantado, no ano de 2001, algumas medidas com a falácia de combater a violência e a evasão escolar, como a ampliação da guarda civil metropolitana e a criação do projeto Escola Aberta. Dá destaque central a construção de 20 CEUs – Centros Educacionais Unificados, em 2002, que é uma versão melhorada dos projetos fracassados do PDT, a exemplo dos CIEPs. Lamenta que os kits escolares e uniformes serão entregues em maio e atribui esse atraso à demora da votação desse projeto, emperrado pelos vereadores na Câmara. Com relação aos salários, manteve o arrocho anunciando um reajuste de 5% ao magistério e ofereceu um abono às pressas, baseado em critérios que atacam o estatuto do magistério.

Na realidade, o atraso na implantação dos "projetos" petistas se deu porque estavam vinculados ao corte de verbas da educação. A prefeitura teve

de calar a boca dos trabalhadores descontentes oferecendo essa migalha salarial. Além disso, teve de atrair simpatizantes do partido para ocupar cargos de confiança nas DREMs e desenvolver os seus projetos. Para desempenhar a votação na Câmara, teve de ficar meses a fio barganhando com todos os partidos burgueses as subprefeituras, secretarias e projetos que eles exigiam como condição para aprovarem os do PT, a exemplo do IPTU Progressivo e as mudanças na LOM (Lei Orçamentária do Município).

O resultado foi que os trabalhadores perderam com o corte nas verbas da educação, que superou 10% (reduziu de 30% para menos de 20%).

O SIMPEEM, ao invés de preparar os trabalhadores para combaterem essa política eleitoral do PT, mais uma vez reforça o terreno parlamentar burguês e neutraliza a ação da classe. Enviou uma carta aos associados informando os nomes dos 37 vereadores que votaram a favor do projeto de corte na educação e de outros projetos, como o de não estender a gratificação aos aposentados.

Com relação aos partidos burgueses

como o PSDB, PRONA, PPB, não disse que só votaram contra o projeto porque não foram contemplados nas negociações com o PT. E que agora aproveitam da situação para tirarem proveito eleitoral.

A posição mais oportunista foi a do PCdoB que liberou a sua bancada. O presidente do sindicato manteve-se contra o projeto para não se queimar perante a categoria. Os demais da bancada, coincidentemente votaram junto com o PT, seu aliado eleitoral, ou seja a favor do projeto. Para a aprovação, o PT utilizou a pressão do aparato e do próprio Lula sobre os vereadores petistas que vacilavam em apoiar a medida antipopular.

A Aprofem, uma outra entidade municipal, que se apresentou contra o projeto, em seu jornal foi clara nesse jogo eleitoral. Alegou demagógicamente que os que votaram contra, são amigos da educação! No fundo as duas entidades alimentam o jogo parlamentar.

Os professores devem rechaçar a política do Sinpeem e defender o caminho da luta contra a prefeitura petista, que mantém o arrocho salarial e corta os já míseros recursos da educação.

Os calouros chegam às universidades: Contra as calouradas festivas, por uma recepção voltada à mobilização

Nas universidades públicas e privadas, por todo o país, os estudantes que não foram excluídos pelos vestibulares estão fazendo suas matrículas nos cursos superiores. A tônica geral das recepções pelos veteranos e pelas organizações estudantis é festiva. A entrada na universidade é papagaiada como um privilégio adquirido pelos estudantes pelo seu esforço individual, e que agora é recompensado. Reproduz-se a ideologia burguesa da recompensa ao esforço individual, como se os outros não tivessem se esforçado o bastante, e como se o acesso ao ensino superior público e gratuito não fosse um direito democrático elementar, do qual a maioria é excluída. Omite-se a situação real do ensino no país, a política governamental privatista e destruidora da educação, a política geral antinacional e antipopular dos governos. É só festa.

O caráter festivo é apresentado como apolítico. A desculpa é que não se deve chocar os estudantes, ou que não se deve manipulá-los, ou alguma outra, mais criativa e não menos cínica. A verdade é que o caráter festivo encobre a política de submissão e conciliação à burocracia universitária e aos governos, atualmente dominante no movimento estudantil.

Fazem-se recepções festivas para evitar a discussão política. Para evitar o confronto com a burocracia e os governos (a isso se chama "não manipular"). E para tentar ganhar o apoio eleitoral dos setores mais atrasados e reacionários dos estudantes para as futuras eleições de entidades (a isso se chama "não chocar").

Assim, as calouradas são preparadas com apresentações de grupos musicais, cervejadas (se a burocracia permitir), trotes, jogos, giñcanas, painéis, aulas-trote, tudo menos politização. Na maioria das vezes, a recepção é feita em colaboração com a burocracia universitária, a mesma que tem aplicado os planos de destruição e privatização do ensino. E com financiamento desta, ou, pior, de empresas. É a privatização da recepção dos calouros. feita... pelo próprio movimento estudantil!!!!

O argumento das direções é o de que não importa de onde vem o dinheiro,

desde que o apliquemos bem. Claro! A burocracia e as empresas não vão deixar de investir numa recepção despolitizada, que serve para desviar os estudantes dos problemas da universidade e do país. Pois tentem obter esse dinheiro para fazer uma recepção de protesto e mobilização! Não virá um centavo!

É por isso que insistimos na relação que existe entre a autonomia do movimento, sua independência política, financeira e organizativa e seu caráter de luta. As reivindicações dos estudantes os colocam em choque com a burocracia e o governo. A autonomia e independência não são uma neutralidade abstrata. Concretizam-se na luta, contra a burocracia e governos, ou na submissão e conciliação, e, portanto, na negação das reivindicações estudantis.

Isso implica também no financiamento: ou se apóia o financiamento do movimento nos estudantes, e assim esse movimento será expressão dos interesses estudantis, ou se apóia na burocracia e em empresas, e as entidades expressarão reitores e governadores, ainda que de forma disfarçada de neutralidade ou de festa.

A raiz da falta de independência das atuais direções está na política dos partidos que dirigem o movimento. O PT e seus aliados, como o PCdoB e PSB, têm uma política de conciliação de classe, reformista, que se expressa no movimento

estudantil como conciliação com a burocracia e os governos. Também esses partidos não vêem mal nenhum em receber doações de grupos econômicos, como Pão de Açúcar, Itaú etc.

Ao contrário deles, defendemos que o movimento estudantil deve se orientar por um programa proletário, que parta da defesa das reivindicações estudantis e oriente o movimento pelo caminho da mobilização, da ação direta; que o unifique a professores e funcionários pela derubada da burocracia universitária e conquista da real autonomia universitária; que coloque a unidade dos estudantes à classe operária e aos demais setores oprimidos da sociedade, nas lutas contra os capitalistas e seus governos; que se posicione internacionalmente ao lado das nações oprimidas contra as opressoras; que se coloque pela luta antiimperialista e anticapitalista e pela revolução proletária, para destruir o capitalismo e construir o socialismo.

Nesse sentido, as recepções de calouros deveriam ser orientadas é para a mobilização dos estudantes pelas reivindicações, e organizadas de forma independente da burocracia e governos. Poderiam ajudar então a trazer os estudantes para o lado da luta em defesa da universidade e do socialismo. Sob a forma festiva, só servem para afastá-los disso, e deixar tudo como está, ou pior.

Em Caieiras: a luta contra o lixão continua

No último dia 08, foi realizado no centro de Caieiras mais um ato de protesto contra o lixão a ser instalado nas proximidades do Jardim Marcelino. O ato contou com a participação de dezenas de pessoas que iniciaram as denúncias na estação de trem e concluíram com uma passeata bloqueando a avenida principal.

O prefeito para manter seus compromissos com a multinacional CAVO tem procurado intimidar as manifestações, reforçando cada vez mais o aparato policial. Por várias vezes, tem mandado arrancar os cartazes e acionado a guarda municipal. Desta vez, a manifestação foi surpreendida por camburões da PM que insistiam em finalizar o movimento numa pista com empurrões e cacetetes. Mesmo assim, por várias horas, os manifestantes continuaram firmes no bloqueio, gritando palavras de ordem de desmoralização do prefeito capacho e sua corja corrupta.

O movimento tem ganhado força porque o comitê que organiza as atividades, tem se preparado politicamente e se preocupado em capacitar os trabalhadores para compreender e responder cada passo dessa luta.

Contra as demissões, organizar a luta unitária da classe operária

A Volks diante da necessidade de reduzir o número de nossos companheiros operários não tem nenhum receio na hora de demitir. Para ela, a conta é simples: “tenho 16 mil é preciso ficar com 10 mil para ser competitiva”.

Depois do último acordo entre a Volks e a direção de nosso sindicato, percebemos que a multinacional não está sozinha nesse objetivo de demitir. Marinho, depois de defender a proposta da empresa e empurrar guela a baixo dos trabalhadores, assim como havia feito em 1998, desta vez foi mais longe. Mentiu dizendo que, aceitando o acordo, retornariam todos os 3075 demitidos e haveria garantia de emprego por cinco anos. Como poderia haver garantia de emprego se todos nós sabemos que a empresa precisa demitir, como o próprio Demel/Marinho admitiam nos jornais?

O jornal da Comissão de 20/12 veio com as lutas que tivemos no ano de 2001. Era vergonhoso ver como eles mentem. Mesmo depois de ter assinado o acordo, tiveram a coragem de dizer que garantiu o emprego dos 3075 demitidos. É muita cara de pau.

A mentira tem perna curta

Nós, que estamos no chão de fábrica e conhecemos companheiros que estão de licença remunerada, sabemos também que no dia 1/fevereiro, sexta-feira, a máscara do acordo entre a Volks e Marinho caiu.

Depois de toda pressão feita pela empresa sobre os 1500 de licença, somente 200 pegaram o PDV. Isso mostra que os companheiros que estavam com a corda no pescoço querem tirá-la. Não pedem o PDV porque não querem se enforçar. Mas a Volks demitiu 500 companheiros nas barbas do Sindicato, que já lavou as mãos. Isso porque não tiveram coragem de chamar os trabalhadores para fazer a luta e preferiram a política dos acordos e parcerias para ajudar a empresa. Chegam ao ponto de dizer que “sentem muito”.

A Volks aproveitou a situação e foi mais a fundo. Contratou uma empresa para ludibriar com o tal do “Programa Evolução” os que estão de licença em

torno dos benefícios de demissão voluntária e possibilidades de novos empregos ou de trabalhar como autônomos. Tudo uma grande mentira. Sabemos da dificuldade que existe em arrumar um trabalho. São meses a fio ou até anos correndo atrás.

Para os que ficam na fábrica, nada indica que permanecerão. O acordo prevê as demissões por “baixo desempenho”, pela terceirização e outros mecanismos patronais.

É possível modificar essa situação

Não podemos aceitar o fato de ser demitido sem ter lutado. Nossa história é marcada por lutas e não por covardia. E foram com as lutas que arrancamos o pouco que possuímos. Sabemos que o emprego e salário são conquistados com muito suor, com greves e mobilizações. O patrão não cede nada de graça. Isso que aconteceu com o acordo entre a Volks e Marinho pode ser revertido. Para isso, é necessário que nosso descontentamento seja transformado em ação para exigir de nosso sindicato uma assembleia. Porém, uma assembleia para pôr fim ao acordo de demissão. Será com a nossa organização e luta que enfrentaremos as demissões da Volks.

Unir todos os metalúrgicos contra o desemprego e os acordos malditos

O desemprego não está somente na Volks. O acordo de redução salarial, PDV, terceirização não foi feito somente na Volks. Várias fábricas metalúrgicas copiaram o acordo de demissão, com o apoio da diretoria de nosso sindicato. Teve várias tentativas de luta, mas ficaram isoladas e não contaram com a defesa do sindicato.

Para que nossa luta aqui na Volks breque as demissões e o rebaixamento salarial, será preciso defender a unidade de todos os metalúrgicos do ABC. O caminho é convocar a assembleia geral para discutir os acordos e rejeita-los de conjunto.

Contrapor a eles nossas soluções: 1) redução da jornada sem redução salarial (escala móvel das horas de trabalho); 2)

fim da flexibilização do trabalho e reconquista de todos nossos direitos perdidos; 3) reajuste do salário que reponha as perdas; 4) direito de formar comissões de fábricas independentes em todas as locais de trabalho; 5) implantar a democracia operária em nosso sindicato, que quer dizer direito de todos dizerem o que pensam, direito de distribuir boletins, jornais e assembleia aberta para que todos possam se inscrever e defender propostas.

Plenária dos demitidos da Volks só serviu para aplicar o acordo maldito

A direção de nosso sindicato convocou os demitidos para uma plenária. Qual foi o objetivo? Simplesmente para confirmar a demissão.

Entre os companheiros que foram cortados tinham os doentes profissionais, que não estavam caracterizados em carteira, aqueles que estavam perto da aposentadoria, cipeiros e ex-representantes. Um dos demitidos pediu a palavra e disse “que não estava havendo justiça por parte da empresa, então o sindicato deveria organizar um acampamento na frente da Volks até serem reintegrados”.

Imediatamente, um dos diretores disse que o sindicato não poderia fazer nada porque tratava-se de um acordo assinado.

Essa atitude de submissão a um acordo que demite doentes, cipeiros e companheiros perto da aposentadoria mostra muito bem como a diretoria de nosso sindicato ajudou a multinacional a engatilhar e soltar a guilhotina. É por isso que chamamos de acordo maldito.

Em nenhum momento, o Nossa Classe aceitou demissão e redução salarial. Alertamos nossos companheiros de que nenhum acordo que destrua postos de trabalho e piore os nossos salários favorece os trabalhadores. A posição de cortar em nossa própria carne pondo para fora da fábrica centenas de nossos companheiros, que são iguais a nós e vivem o tormento da exploração diária do trabalho, é totalmente patronal. Somente a luta dura contra os exploradores é que

defenderá nosso direito ao trabalho.

Nós continuamos dizendo que tem sim como acabar com esse acordo. Basta convocar assembléia e votar o seu fim e aprovar o caminho da luta.

Mais um alerta: as demissões continuarão. A Volks pretende atingir seu objetivo de corte de cerca de 6 mil postos de trabalho. Só não pode fazer tudo de uma vez, porque teria de enfrentar uma revolta dos operários. Os capitalistas espertos planejam as demissões conforme as necessidades dos lucros. Jogam com o desemprego em massa para diminuir os salários. Dizem que vão cortar apenas uma parte dos que estão na lista de demissão tendo em troca o rebaixamento de 15% dos salários. Logo mais cortarão mais companheiros e os salários continuarão reduzidos. Notem que é um bom

negócio para os patrões e uma desgraça para a família dos operários. Foi isso que vimos na plenária dos demitidos.

Companheiros podemos reagir!

Vamos dizer basta ao sindicalismo pelego!

Exijamos nova assembléia em que se tenha verdadeira liberdade de fala a todos!

Vamos dizer que não aceitamos que a diretoria do sindicato proíba distribuição dos boletins da oposição!

Exijamos total democracia operária!

É preciso defender a democracia sindical

Companheiros, quando soltamos nosso boletim Nossa Classe contra o acordo Volks/Marinho, sofremos perse-

guição de diretores do sindicato. Nos acusaram de quer dividir o movimento e chamaram nossos companheiros a não ler o boletim. Na verdade, a direção do sindicato pretende sufocar a voz da oposição. Assim, pode passar esse tipo de acordo que prejudica nossas vidas. Como vocês podem ver, só a democracia operária possibilita esclarecer as posições e a votação consciente nas assembléias. Queremos decidir com consciência e não sermos arrastados pelo cabresto.

Toda liberdade de idéias, de oposição e distribuição dos boletins. Um sindicato democrático é aquele que exige que todos que defendem o movimento operário tenham essa liberdade assegurada nas assembléias, no interior das fábricas e em toda parte.

Lenin como modelo nacional

Leon Trotsky* * *A propósito do seu cinquentenário, Pravda, nº 86, 23/4/1920 - Extraído do livro Lenin, de Leon Trotsky, pág. 243.*

O Internacionalismo de Lenin não precisa ser demonstrado. Manifesta-se admiravelmente na intransigente ruptura que Lenin provocou, desde os primeiros dias da guerra mundial, relativamente a essa falsificação de internacionalismo que dominava a II Internacional. Os dirigentes oficiais do "socialismo" conciliavam, do alto da tribuna parlamentar, os interesses da pátria com os da humanidade, através de argumentos abstratos, ao gosto dos cosmopolitas de outrora. Como é sabido, isto conduzia, na prática, à manutenção de uma pátria de saqueadores, utilizando para tal a força do proletariado.

O internacionalismo de Lenin, longe de ser uma conciliação puramente verbal entre o espírito nacional e o espírito internacional, é uma fórmula de ação revolucionária abrangendo todos os povos. O território mundial, ocupado por aquilo a que se chama humanidade civilizada, é considerado como um imenso e único campo de batalha sobre o qual manobram os povos e as classes. Nem uma só das grandes questões humanas deverá confinar-se a um âmbito nacional.



Existem fios visíveis e invisíveis que estabelecem um elo eficaz entre o fato que pode parecer nacional e dezenas de fatos que se verificam todos os dias em todos os pontos do globo. Nas apreciações que faz acerca das forças e dos fatores da vida internacional, Lenin encontra-se mais isento de parcialidade nacional do que qualquer outra pessoa.

Marx achava que os filósofos já tinham interpretado suficientemente o mundo; para ele, o problema consistia em transformá-lo. Mas esses precursor genial não viveu o bastante para assistir à transformação. O velho mundo está, presentemente, em completa remodelação, e Lenin é o seu primeiro obreiro. O

seu internacionalismo consiste em julgar todas as coisas do ponto de vista prático e a intervir praticamente na História, num plano mundial, tendo em vista fins mundiais. A Rússia e o seu destino constituem apenas um dos elementos desse grandioso processo histórico cujo resultado determinará o destino da humanidade.

Não, o internacionalismo de Lenin não precisa ser demonstrado. Mas, ao mesmo tempo, o próprio Lenin é profundamente nacional.

Tem raízes na nova história da Rússia; concentra essa história na sua pessoa; confere-lhe a sua expressão mais elevada e é precisamente por este meio que atinge o vértice da ação internacional e da influência mundial.

À primeira vista poderá parecer surpreendente que se caracterize Lenin pela sua faceta "nacional", mas, em suma, isto deveria ser evidente. Para dirigir uma revolução sem par na história dos povos, essa transformação por que passa a Rússia, é preciso evidentemente que entre o chefe e as forças autênticas da vida popular exista um elo indissolúvel, orgânico, tocando nas raízes mais pro-

fundas.

O proletariado russo - essa classe extremamente jovem que, politicamente falando, não tem mais idade do que o próprio Lenin - é por ele encarnado; trata-se contudo de uma classe profundamente nacional, pois nela se resume toda evolução anterior da Rússia, nela está todo o futuro do país, com ela vive e se transforma a nação russa. Independência relativamente a qualquer rotina, à hipocrisia e às fórmulas convencionais, ousadia de pensamento, audácia na ação - audácia que nunca se torna temerária - eis o que caracteriza o proletariado russo - e, ao mesmo tempo, Lenin.

Essa natureza do proletariado russo que faz dele, atualmente, a força mais importante da revolução internacional, é o fruto de toda história nacional da Rússia: a crueldade bárbara da autocracia, a nulidade das classes privilegiadas, o desenvolvimento febril do capitalismo, ativado pela influência da alta finança mundial, a desagregação da burguesia russa, a decadência da sua ideologia e a mediocridade da sua política. O nosso "Terceiro Estado" não teve, nem podia ter, a sua Reforma ou a sua Grande Revolução. A tarefa revolucionária do proletariado russo era, por esse motivo, mais vasta e mais universal. O nosso passado não nos deu nem um Lutero, nem Tomás Muntzer, nem um Mirabeau, nem um Danton, nem um Robespierre. Foi por isso, precisamente, que o proletariado russo teve o seu Lenin. O que se perdeu em tradição foi ganho pela envergadura da revolução.

Lenin constitui o reflexo, a imagem da classe operária, não apenas no seu presente proletário, mas igualmente no seu muito recente passado camponês. O mais indiscutível dos chefes do proletariado não só tem o aspecto exterior de um mujique, como possui também a sua forte natureza interior.

Eleva-se na frente do Instituto Smolnino o monumento a um outro grande homem do proletariado mundial: é Marx, sobre um pedestal de pedra, de sobrecasaca preta. É evidente que se trata apenas de um pormenor: mas seria impossível representar Lenin de sobrecasaca. Certos retratos de Marx mostram-no usando um grande peitilho engomado sobre o qual se desenha uma espécie de monóculo. No entanto, Marx não era, de forma alguma, um pedante:

isso é bem evidente para aquele que o conheça um pouco. Tinha, porém, nascido e crescido num outro terreno de cultura nacional e respirado uma outra atmosfera: a elite da classe operária alemã não está ligada à aldeia, ao campesinato, mas sim ao artesanato, às corporações e a essa complexa cultura urbana que deriva da Idade Média.

O próprio estilo de Marx, rico e cheio de beleza, combinando o vigor e a maleabilidade, a cólera e a ironia, a austeridade e o requinte, contém a herança literária e estética de toda literatura alemã, social e política, que data da Reforma e da época anterior a ela. O estilo escrito e oratório de Lenin é extremamente simples, utilitário, ascético, tal como a sua própria natureza. Mas neste ascetismo poderoso não existe vestígio algum de preconceito moralista. Não se trata de um princípio, não se trata de um sistema preconcebido e, como é evidente, não se trata de uma afetação: é simplesmente a expressão de uma concentração interior das forças destinadas à ação. É o espírito prático, é a economia interior do mujique - embora num plano grandioso.

A natureza de Marx, encontra-se inteiramente no Manifesto Comunista, no prefácio de sua Crítica, no Capital. Mesmo que não tivesse fundado a Primeira Internacional, teria ficado para sempre tal como nos aparece hoje. Ao contrário dele, Lenin pode encontrar-se, por inteiro, na ação revolucionária. Os seus trabalhos científicos constituem apenas uma preparação para a ação. Mesmo que não tivesse publicado nenhum livro, teria entrado para a História tal como sucede atualmente, como chefe da revolução proletária e fundador da III Internacional.

Um sistema científico claro, uma dialética materialista, eis o indispensável para uma ação alargada ao plano histórico sobre o qual devia trabalhar Lenin; é indispensável, mas não basta ainda. É preciso acrescentar a força criadora, profunda e secreta, a que chamamos intuição: a capacidade de apreciar num abrir e fechar de olhos, como que de passagem, os acontecimentos, discernir o essencial e o importante desprezando as inutilidades e os pormenores, completar através da imaginação as lacunas do conjunto, terminar o pensamento dos outros e, em particular e sobretudo, pre-

ver até ao fim o pensamento dos adversários; a capacidade de unificar todos estes elementos e de agir, no próprio momento em que se forma no espírito a "fórmula" de atuação necessária. É a intuição da ação. É a capacidade de um espírito inventivo do ponto de vista prático.

Quando Lenin, semicerrando o olho esquerdo, escuta a leitura de uma mensagem telegráfica que o informa sobre o discurso parlamentar de um dos dominadores do imperialismo, ou uma nota diplomática de interesse imediato - documento em que encontra de novo a perfídia sanguinária combinada com a mais perfeita hipocrisia - parece-se a um dos mujiques mais matreiros que não se deixa levar pelas frases, nem enganar pelas palavras bem sonantes. Passa a ser então o mujique inventivo e hábil, mas ao mais alto grau, quase ao nível do gênio, munido das armas mais aperfeiçoadas da ciência.

O jovem proletariado russo apenas pôde desempenhar a sua tarefa atual arrastando com ele a pesada massa do campesinato, como se se tratasse de um pedaço de terra arrancado com a raiz. Este acontecimento foi preparado por todo o nosso passado nacional. Mas foi precisamente porque a história levou o proletariado ao poder, foi por esse motivo que a nossa revolução venceu com um só golpe, radicalmente, o espírito provinciano, extremamente limitado, da antiga história da Rússia. A Rússia soviética não se tornou apenas o asilo da Internacional Comunista; tornou-se a expressão viva do seu programa e dos seus métodos.

Através das vias desconhecidas e ainda ignoradas pela ciência que a personalidade humana segue para se formar, foi possível a Lenin absorver do meio nacional tudo quanto necessitava para executar a maior ação revolucionária da história universal. Foi precisamente por isto que a revolução socialista, possuindo desde há muito a sua expressão teórica internacional, encontrou em Lenin a sua primeira encarnação nacional. Ele tornou-se assim, no sentido mais direto e imediato, o condutor revolucionário do proletariado mundial. Eis o que poderá ser dito sobre ele, eis o que se reconhece no dia do seu cinquentenário.

Milionário orçamento militar

O orçamento militar previsto para 2003 do governo Bush é de 369,3 bilhões de dólares, que corresponde a 18% da arrecadação do Estado, que será de 2,1 trilhões de dólares. Essa fábula é cerca de 6 vezes maior que o aplicado na educação e 5 vezes na saúde. Esse valor corresponde ao domínio mundial dos Estados Unidos.

Numa economia capitalista com PIB que superará 10 trilhões no próximo ano, os Estados Unidos mantêm-se como força militar em todo globo. Sustenta uma estrutura industrial militar irradiada dos Estados Unidos para os lugares mais longínquos. A penetração de suas multinacionais, a posse de fontes de matérias-primas, o controle do fluxo comercial e a atuação do capital financeiro por cima de todas as fronteiras nacionais trazem a necessidade de domínio pela força e geram uma monstruosa indústria de guerra.

Esse orçamento militar é maior que a soma aplicada nos demais países imperialistas (Inglaterra, Alemanha, França, Japão e Itália). Para manterem subjugadas as nações oprimidas, fonte de todo tipo de saque, o imperialismo expande constantemente sua capacidade militar. A indústria bélica engendra-se nas entranhas da relação capitalista de produção e na divisão internacional do trabalho. Faz parte da estrutura monopolista de produção e domínio. Seu agigantamento expressa o parasitismo crescente do capital financeiro.

Ao contrário do conceito de defesa nacional, a indústria militar e o extraordinário orçamento estatal correspondem à ofensiva sobre as semicolônias e um fator de hegemonia interimperialista pelas nações que dividem o mundo em áreas de exploração. Não há povo semicolonial que não esteja sob a ameaça das forças militares imperialistas.

Imperialismo necessita da guerra

Os Estados Unidos estão em conflito militar permanente em várias partes do mundo. Não há como saquear e matar de fome povos sem subjugá-los pela for-

ça militar. Como dissemos, o poder das armas é intrínseco ao poder econômico.

Dizia-se, depois da 2 Guerra Mundial, que a corrida armamentista provinha da existência da União Soviética, do Pacto de Varsóvia e da guerra fria. Os Estados Unidos saíram das duas guerras mundiais como a superpotência econômica e militar, alinhando atrás de si as demais potências, contra a União Soviética, China etc.

Com a desintegração da União Soviética sob o processo de restauração capitalista, anexação da Alemanha Oriental à Ocidental, a bancarrota dos regimes estalinistas no Leste Europeu e a adaptação da China à economia de mercado, já não se justificava o agigantamento militar do imperialismo. Mas o que se vê é o contrário. A restauração do capitalismo traz novas exigências de domínio pela força.

O capitalismo entrou em uma nova fase de decomposição no pós 2 Guerra Mundial. Os Estados Unidos, com seus capitais penetrados em todos os póros da economia internacional, com sua economia interna dependente do aumento da exploração externa e movidos pelas contingências das disputas interimperialistas, estão obrigados a potenciar ainda mais sua máquina de guerra, a ponto de tornar a OTAN um simples apêndice.

A recente guerra contra o Afeganistão serviu-lhe de teste para os sofisticados armamentos. É claro que essa cobaia indefesa tem valor econômico estratégico no que se refere a fontes de matérias-primas, bem como de geopolítica. A campanha antiterrorista nos moldes da guerra contra uma nação oprimida foi um motivo de que necessitava para acionar a ofensiva militar. Não é por acaso que desconsiderou a OTAN, mostrando sua total supremacia.

O imperialismo europeu seguiria calado as determinações do Pentágono ou ficaria à margem. Os Estados Unidos não precisavam de nenhum deles para a ação militar, apenas não queriam que servissem de estorvo e que ajudassem a pressionar os governos semicoloniais, que rodeiam o Afeganistão, a isolarem a milícia Taleban. Diferentemente da

guerra contra o Iraque e do intervencionismo na guerra civil da ex-Iugoslávia, o governo Bush fez questão de dizer que a guerra contra o Afeganistão era particular dos Estados Unidos e que todos deveriam apoiá-la sem pré-condição, ou então estariam do lado dos terroristas. Foi uma demonstração de total hegemonia político-militar do imperialismo norte-americano.

O acréscimo no orçamento militar de mais de 60 bilhões de dólares, o rompimento unilateral do acordo de desarmamento com a Rússia, o Plano Colômbia e a nítida demonstração de que pretende ir à guerra contra Irã, Iraque e Coreia do Norte ("eixo do mal") expõem a nova ofensiva militarista dos Estados Unidos.

Programa da classe operária contra a guerra do imperialismo

O ponto de partida está no reconhecimento de que o capitalismo está em decomposição, que as tendências bélicas do imperialismo se tornam mais ameaçadoras e que as potências estão em franca ofensiva contra os povos semicoloniais. Implica a defesa da estratégia da revolução socialista, dirigida pelo proletariado e orientada para o internacionalismo.

O combate ao militarismo é parte da tarefa de romper com o saque das potências e emancipar as nações oprimidas. O movimento pequeno burguês, social democrata e estalinista de "paz mundial" é hipócrita, impotente e reacionário. O imperialismo é a coluna vertebral do sistema mundial capitalista. Tem de ser combatido pelo método da luta de classe, que tem expressão particular em cada país, mas que em sua essência corresponde à estratégia geral de destruição do poder da burguesia sobre os meios de produção e o Estado.

A organização da classe operária, dos camponeses pobres, da classe média arruinada, das massas famintas e desempregadas contra a burguesia em cada país e direcionada contra o domínio imperialista em geral é que permitirá as forças sociais progressivas da história

derrotar o sistema de domínio, guerras e contra-revoluções.

A defesa da autodeterminação dos povos e destruição dos grilhões de opressão imperialista sobre a maioria atrasada é um dos pontos fundamentais do programa do proletariado. A tarefa de emancipação dos povos oprimidos não pode ser realizada sob a direção da burguesia nacional. Pelo contrário, a classe capitalista arcaica semicolonial será derrubada pela revolução proletária, o que permitirá colocar as forças da nação oprimida contra o jugo das potên-

cias.

As frações da burguesia nos países subjugados são os canais por onde penetram a decomposição do capitalismo mundial. Aplicam planos econômicos violentos, que destroem parte das forças produtivas internas, as colocam ainda mais à mercê dos monopólios e intensificam a crise social. Nessas condições, a luta antiimperialista passou inteiramente para as mãos do proletariado, que para travá-la coloca para a maioria oprimida a tarefa anticapitalista de destruição da sociedade de classe.

A autodeterminação dos povos e sua emancipação real serão realizadas com a chegada da classe operária no poder e expropriação dos meios de produção monopolizados. A tática da frente única de unir a maioria contra o grande capital coloca-se como condição para a classe operária conquistar o posto de direção na luta contra os monopólios e o Estado burguês.

Com esse programa é que as massas enfrentarão a ofensiva militarista e de saque dos Estados Unidos e demais potências.

Argentina:

A rebelião popular não pára!

Busca resolver já a fome, o desemprego e que se acabe o "corralito"

Aponta os politiquieiros, o capital financeiro, as multinacionais como responsáveis pelo grande saque nacional e, objetivamente, questiona o poder burguês, buscando sua própria saída

Só a classe operária pode colocar o programa que dá resposta ao conjunto das reivindicações da Nação oprimida

O governo Duhalde capitula inevitavelmente diante do FMI, das multinacionais e da oligarquia latifundiária

Organizarmo-nos a partir das bases em assembléias populares que debatam e resolvam a saída para a crise. Garantamos um genuíno e representativo III congresso piquetero de trabalhadores empregados e desempregados

A rebelião popular exige resolver imediatamente a grave situação que se vive

Só confia em suas próprias forças, com que pôs abaixo governos e faz balançar Duhalde

A rebelião popular não se detém, em busca de exigir solução para todos os problemas mais dramáticos vai arrasando com tudo, rebelião que percorre todo o país e abarca a maioria da população, os trabalhadores desempregados, as camadas médias, assinalando a incapacidade e a corrupção dos politiquieiros, fazendo-os responsáveis pelas terríveis penúrias que temos suportado por submissão, cumplicidade, prostração, covardia e servilismo frente ao

imperialismo, frente às multinacionais, frente aos bancos, que se apoderaram do país fazendo as negociatas mais incríveis às nossas costas. Parecia que sua voracidade e impunidade não teria limites.

Os bancos que se apropriaram de grande parte da riqueza e do trabalho nacional são colocados no centro do ódio popular. A fome e o desemprego que estalaram nas últimas semanas já não se suportam mais. Impõe-se terminar com esta situação imediatamente.

Cada vez mais setores populares respondem com seus próprios métodos e questionam toda legalidade e propriedade, buscam organizar-se por conta própria, sem ter em conta as instituições e as organizações sindicais. Buscando sua própria saída, sua própria solução.

Começa o fim de uma época infame, e suas bases materiais, a de uma Argentina governada por uma classe burguesa impotente, corrupta e entreguista, que nos levou à maior miséria.

DUHALDE NÃO PODE, A BURGUESIA NÃO QUER

Deixar de pagar a dívida externa por uns meses não é um ato de soberania, até o FMI e os países imperialistas vinham dizendo que não havia como pagar o que estava claro que era impagável. Um ato verdadeiramente soberano é desconhecer rotundamente toda essa dívida, dizer-lhes que não a pagaremos mais. Não se deve receber nenhuma missão do fundo e dos bancos. A presença deles opinando e decidindo sobre o plano econômico e o orçamento nacional mostra o

continuismo de Duhalde em relação a todos os seus antecessores. O poder do capital financeiro internacional segue timoneando o país. Bush e Aznar seguem metendo-se em todos os nossos assuntos a fim de que os interesses das multinacionais se mantenham e a seus privilégios, eles dizem o quanto se deve reduzir os orçamentos, que há que reestruturar etc.

- Dizer que se privilegiava a especulação financeira em vez da produção é não dizer nada. Os bancos saquearam o país, o endividaram até não poder mais, cobraram taxas usurárias e tiveram lucros estratosféricos. Eles são os que realizaram a fuga de milhões de dólares. É preciso nomeá-los e expulsá-los do país. Não devem receber nenhuma compensação pela pesificação da qual eles aproveitaram a "convertibilidade" para fazerem negócios extraordinários. O governo lhes armou o "corralito" contra os correntistas e os trabalhadores que têm depositados seus salários, para que não quebrem. Há mais de 20 anos que a pátria financeira tem o manejo. Para terminar com a especulação há que acabar já com todos estes parasitas, expropriando-os.

- A devolução põe superlucros nos bolsos dos exportadores agropecuários, da oligarquia latifundiária, que não pagará impostos extraordinários por estes benefícios. Este benefício não alcança o pequeno produtor endividado até a medula que terminou de quebrar, varrido por esta medida. A devolução já a repassaram para os preços que pagamos.

Também terão superlucros aqueles grupos poderosos que exportam manu-

faturas e que tampouco pagarão impostos adicionais. As petrolíferas, que foram marcadas por uma retenção sobre suas exportações, desataram uma pressão gigantesca para impedir a aplicação do imposto querendo mudá-lo por um empréstimo ao governo. Os que mais ganham devem pagar impostos extraordinários para financiar o orçamento. Com mais de 15 milhões de habitantes abaixo da linha da pobreza, com fome! Os latifundiários são os que têm a propriedade dos alimentos que necessitamos. Eles são os grandes ganhadores do

“modelo” de Duhalde, os mesmos que são responsáveis pelo atraso e pela ruína econômica. O produto do campo deve ser destinado em primeiro lugar a alimentar todos os famintos do país.

O governo privilegia os latifundiários para que engordem os bolsos com as exportações, sob a idéia de que lhe vão restar dólares para poder pagar a dívida externa no futuro.

- as privatizadas são as que mais ganharam às custas do empobrecimento geral.

Não querem pesificar nem rebaixar as tarifas. Querem seguir roubando-nos. Telefónica e Repsol enviam a partir da Argentina mais lucros que sua sede central, daqui se financiou sua expansão mundial, apropriando-se de nossos recursos. São a máxima expressão da entrega e das negociatas. Devem ser estatizadas imediatamente, sem pagamento, sob controle coletivo dos trabalhadores.

- Não há nenhuma possibilidade de sair do desastre econômico a que nos levaram o capital financeiro, os latifundiários, as multinacionais, que não seja rompendo com eles que têm o poder, expropriando-os.

A ruptura total com o imperialismo é condição essencial para tirar o país do atraso e poder satisfazer as necessidades das maiorias, oprimidas e exploradas. Duhalde não era o homem predileto desses setores mas reconhecem que é inevitável recompor a dominação dos capitais sobre as massas, para poder conter a fúria popular. Os corruptos, os ladrões, os entreguistas, os que saquearam a Nação não vão ser castigados. Em troca se reprime duramente os protestos radicalizados e se ameaça com militarização.

Duhalde não vai reativar o investimento público porque o FMI lhe está ve-

tando o orçamento, não vai tomar nenhuma medida efetiva para solucionar o desemprego dramático que vivemos, não vai aumentar os salários nem as aposentadorias, não vai devolver os confiscos que fez Cavallo-De la Rúa, não vai querer pagar o incentivo docente deste ano.

Há choques e pressões do imperialismo e das multinacionais, especialmente as de origem espanhola, estão à vista. Mas Duhalde, que comanda um governo de unidade nacional dominado pelo justicialismo e integrado por radicais (UCR) e frepasistas, não vai enfrentar esses setores.

Este governo de unidade está dirigido contra a Nação e os trabalhadores que já sofrem as conseqüências da desvalorização do salário e uma maior queda na atividade econômica. Não é um problema dos Duhalde, De la Rúa ou Menem, eles são expressão de partidos políticos patronais, de uma classe que nos levou ao desastre e que já não deve seguir governando. Essa minoria que continua detendo o poder deve ser expulsada.

SÓ UM GOVERNO OPERÁRIO-CAMPONÊS EXPRESSARÁ A GRANDE MAIORIA DA NAÇÃO E PODERÁ TRANSFORMAR DEFINITIVAMENTE A ECONOMIA. A FRENTE ÚNICA ANTIIMPERIALISTA SERÁ NOSSA FERRAMENTA

A unidade dos trabalhadores e das classes médias deve apontar para a tomada do poder pelas massas, e instaurar um governo operário-camponês (ditadura do proletariado).

Isso será produto de uma revolução social. O levantamento da Nação oprimida e explorada contra o imperialismo terminará com a propriedade privada das multinacionais, com o domínio asfixiante do capital financeiro e liberará as forças produtivas.

É imprescindível soldar politicamente a unidade que se concretiza nas ruas, nas lutas. Para isso há que construir uma frente única antiimperialista que levante



o programa que englobe todas as reivindicações democráticas, nacionais e sociais, e lute pela conquista do poder. A estratégia deve ser impor um governo operário-camponês que barre com o Estado dos capitalistas, com sua ditadura de classe e todas suas expressões.

Não queremos uma frente para promover eleições ou impulsionar novos deputados, ou constituintes para reestabelecer a dominação capitalista debilitada, queremos uma frente para a luta pelo poder.

As massas em luta devem encaminhar-se a estruturar sua organização em cabildos e assembléias populares em todos os âmbitos e coordenar-se entre elas, organismos que deliberem e resolvam. Os revolucionários estamos obrigados a impulsionar esses organismos e a intervir em seu seio ativamente para que adotem a estratégia da classe operária, aplicando a tática da frente única antiimperialista.

Os métodos para arrancar o pão e o trabalho que nos negam, para impor a devolução dos depósitos do “corralito” aos trabalhadores e pequenos correntistas, para impedir que executem as hipotecas dos devedores, são a ação direta de massas, a greve geral, as ocupações, os bloqueios, os piquetes, a autodefesa frente a todas as formas de repressão.

Devemos varrer com toda a burocracia dos sindicatos, que agora é colaboracionista e está jogada a defender a governabilidade de Duhalde. É imprescindível garantir os congressos piqueteros de trabalhadores empregados e desempregados, naquela perspectiva, impedindo toda manobra divisionista, denunciando todo aparatismo mesquinho, ganhando as bases das organizações burocratizadas para a unidade na luta.

Está colocada abertamente a luta pelo poder entre a burguesia antinacional que quer reacomodar-se no governo e a classe operária que tem a oportunidade de colocar sua própria saída para o conjunto dos oprimidos, para terminar de uma vez e para sempre com o atraso, e libertar-se libertando a toda a sociedade.